



WHITE LIGHTS

LAUREN
KATE

No.1 *SUNDAY TIMES* BESTSELLING AUTHOR OF
THE *FALLEN* SERIES

Índice

[Página de título](#)
[Direitos autorais](#)
[Dedicação](#)
[Epígrafe](#)
[Conteúdo](#)
[Prólogo](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Também de Lauren Kate](#)

[Ano Nacional da Leitura](#)

[Sobre a editora](#)

**WHITE
LIGHTS**

LAUREN KATE



Direitos autorais

Magpie Books
Uma marca da HarperCollins *Publishers* Ltd.
1 London Bridge Street
Londres SE1 9GF

www.harpercollins.co.uk

Publicado pela primeira vez pela HarperCollins *Publishers* Ltd em 2026.

Direitos autorais © Lauren Kate 2026

Design de interiores por Taylor Navis
Ilustração da abertura do capítulo por Taylor Navis; Penas e estrelas ©
AlinArt/Shutterstock.com
Capa criada por Albert Tang
Ilustração da capa por Sasha Vinogradova

Lauren Kate reivindica o direito moral de ser identificada como autora desta obra.

Um exemplar catalogado deste livro está disponível na Biblioteca Britânica.

Este romance é inteiramente uma obra de ficção. Os nomes, personagens e incidentes nele retratados são fruto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados de acordo com as Convenções Internacionais e Pan-Americanas de Direitos Autorais. Mediante o pagamento das taxas exigidas, você recebe o direito não exclusivo e intransferível de acessar e ler o texto deste e-book na tela. Nenhuma parte deste texto pode ser reproduzida, transmitida, baixada, descompilada, submetida a engenharia reversa ou armazenada ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, atualmente conhecido ou que venha a ser inventado, sem a expressa autorização por escrito da HarperCollins.

Sem prejuízo dos direitos exclusivos de qualquer autor, colaborador ou editor desta publicação, qualquer uso não autorizado desta publicação para treinamento de tecnologias generativas de inteligência artificial (IA) é expressamente proibido. A HarperCollins

também exerce seus direitos nos termos do Artigo 4(3) da Diretiva 2019/790 sobre o Mercado Único Digital e reserva expressamente esta publicação da exceção de mineração de texto e dados.

ISBN da fonte: 9780008810122
Edição em eBook © Junho de 2026 ISBN: 9780008810146
Versão: 2026-05-25

Dedicação

Para Laura Rennert

Epígrafe

“Essas coisas, embora raras no tempo, são frequentes na eternidade.”

—Lord Byron, *Caim*, 1821

Conteúdo

[Cobrir](#)

[Página de título](#)

[Direitos autorais](#)

[Dedicação](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Epílogo](#)

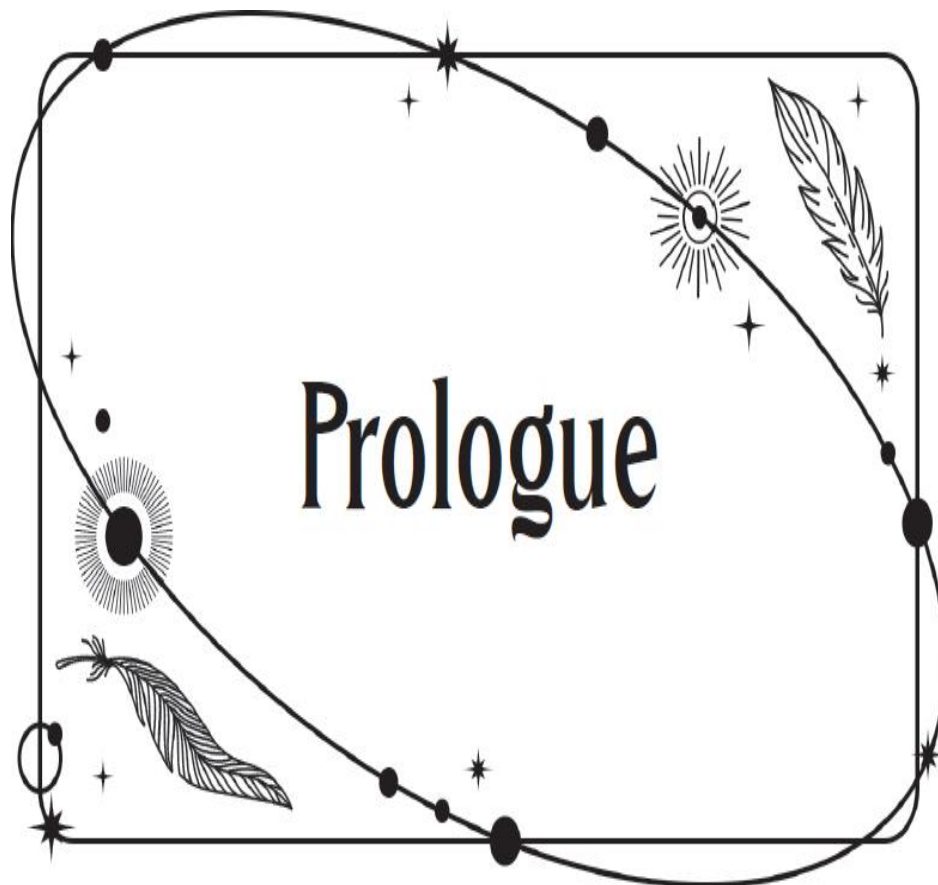
[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Também de Lauren Kate](#)

[Ano Nacional da Leitura](#)

[Sobre a editora](#)



A ÚLTIMA COISA QUE RAFE PRECISA hoje é de uma garota linda apontando uma câmera de vídeo para ele. Bem, não exatamente para *ele*. Ela está registrando a cena: o píer lotado, a luz do sol refletindo no oceano, gaivotas imitando anjos sobre a praia de Ventura.

Anjos imitando humanos, passeando pelo cais...

Se alguém fosse escrever um livro sobre os pontos fracos de Rafe, essa mulher poderia muito bem estar na capa — e em todas as outras páginas. E claro, sedução não falta nesse mundo, e Rafe é um cara bem-sucedido... mas faíscas como ela são raras. Quase dói olhar para ela, mas Rafe não consegue se controlar.

Ela está preparando a foto como se fosse uma questão de vida ou morte. Ele a observa olhar pelo visor, deslizar o tripé para cima e para baixo com dedos finos. Ele gosta do esmalte lascado nas unhas dela, que, para ele, sugere uma mente complexa. Ele poderia se perder em seus cabelos escuros e emaranhados pelo vento, soltos até a cintura. As curvas de seus ombros o fazem lembrar do litoral siciliano. E aquela expressão severa? Ele adoraria usar a boca para dissipá-la daquele rosto bonito, se tudo fosse diferente...

Infelizmente.

Ele está atrasado para encontrar Sam. Sente isso internamente, sem precisar de relógio. Mesmo depois de todos esses anos, encontrar seu mentor faz Rafe tremer. Sam não gosta de esperar.

Rafe caminha pelo píer em direção ao quiosque de frutos do mar à beira-mar, desleixado, que Sam escolheu como ponto de encontro. Ao se aproximar da mulher, Rafe cerra os dentes e sorri com os olhos. O que poderia ser mais natural do que posar para uma câmera?

Mas, bem na hora em que ele está prestes a passar por ela, prestes a colocá-la no museu de primeira classe que é a sua mente, a mulher levanta os olhos da câmera. E olha diretamente para ele.

Rafe paralisa-se. Uma onda de calor o invade. Caramba, já faz um bom tempo.

Mas eis que surge: química. Repentina. Revigorante para a alma.

E absolutamente impossível.

A mulher parece tão atônita quanto Rafe. Ela olha novamente pelo visor da câmera. Onde ela não consegue vê-lo, onde a tecnologia criada pelo homem não captará nenhum vestígio dele.

Ela franze a testa, incrédula. O coração de Rafe começa a disparar. Quando ela finalmente levanta os olhos, ele já se foi.

"Ei!", grita uma voz.

De jeito nenhum ela está falando com ele. De jeito nenhum ela sequer o viu. Mortais não conseguem ver gente como Rafe. E com razão.

Não, o que ele havia interpretado como contato visual — como química — era apenas uma ilusão.

Rafe não se permite olhar para trás. Ele sobe apressadamente as escadas de madeira compensada apodrecidas e atravessa as portas giratórias do restaurante. Está sem fôlego quando se senta na cabine com painéis de madeira em frente a Sam. E então, a visão de seu velho amigo faz com que a bomba no cais desapareça da mente de Rafe a anos-luz de distância.

"Saudações", diz Sam, sem desviar o olhar do guardanapo onde está. Esboçando algo com uma caneta. "Eu estava começando a achar que você tinha coisas melhores para fazer."

Sam está usando jeans e uma camiseta preta rasgada, um boné de beisebol cinza pendurado para baixo sobre seus cabelos cacheados castanho-avermelhados. Ele parece o mesmo, mas ao mesmo tempo está completamente diferente de tudo que Rafe já viu. Algo invisível mudou.

"O que aconteceu com você?", pergunta Rafe.

"Queria que você fosse o primeiro a saber", diz Sam, estendendo os braços. "Acabou."

Um abismo assustador se abre em Rafe. Ele fala com cautela. "O que você quer dizer com 'acabou'?"

"Você sabe o que eu quero dizer", diz Sam, retomando seu desenho. "Estou livre."

Rafe nunca viu Sam mentir, mas o que ele está dizendo agora é uma loucura. Se for verdade — e não pode ser verdade, mas se for — muda tudo.

"Você não vai perguntar: 'O que acontece agora?'", diz Sam.

Rafe olha ao redor do restaurante, para os outros clientes que se deliciam com peixe frito, alheios ao enorme evento que se desenrola diante deles. Um acontecimento que afetará o destino de todos na Terra. Como deve ser estar no lugar deles, tão ignorantes do cosmos, de quão desesperadamente frágil ele é?

“Muito bem”, diz Rafe para Sam, com a voz trêmula. “O que acontece agora?”

“Esse é o problema de outra pessoa. Se você jogar bem as suas cartas, pode ser o seu problema.”

Uma onda de fome, de esperança, ilumina Rafe. Será este o momento que ele recordará? O momento em que finalmente lhe foi dada a chance de se redimir?

“Você está... me oferecendo isso?”

A Pena Carmesim. A única pena vermelha que Sam carregou em suas asas pelos últimos seis milênios. O totem que eleva um anjo a serafim, permitindo a ele, e somente a ele, presidir sobre a morte.

Onde ele está agora? Será que Sam está prestes a—

“Rafael.” Sam franze a testa. “Você sabe que não posso.” A misericórdia em sua voz faz Rafe sentir náuseas. “Você tem que merecer. Aliás, do jeito que as coisas estão, talvez você tenha que *agarrar* à força.” Ele olha para o guardanapo, o esboço. “É claro que os outros também vão querer.”

Rafe fecha os punhos com força. “Quem mais sabe?”

“Você é o primeiro. Isso eu te devo, pelo menos.”

“Não entendo. Você é um morto-vivo?”

“Não seja tão dramático. Tenho a vida inteira pela frente.”

“Mas, Samael, *por quê?*”

Sam recosta-se no banco e sorri. “Eu vou te mostrar.”

Uma garçonete se aproxima. Ela tem trinta e sete anos e dois terços, se Rafe tivesse que chutar, com boa estrutura óssea e olhos cansados, mascando chiclete com um leve aroma de uva. Quando ela encara Sam como se ele fosse um cliente qualquer, Rafe começa a suar frio. Ela consegue *vê* -lo.

Aquele filho da puta não está mentindo.

“O que posso lhe servir, querida?”

Açúcar. Ela está *falando* com ele. Com Samael, o Anjo da Morte.

Antigo Anjo da Morte.

O amigo mais antigo de Rafe, seu mentor, tornou-se mortal. Na verdade, honestamente, desistiu de tudo. Rafe não consegue acreditar.

Sam lança um olhar *rápido para Rafe* e, em seguida, inclina a cabeça na direção da garçonete.

“O céu deve estar ficando sem anjos se você está aqui embaixo.”

“Ai, meu Deus”, geme a garçonete. “Ninguém queria isso.”

Sam endireita a coluna com uma seriedade que horroriza Rafe. “Deixe-me tentar de novo—”

“Por favor, não”, diz a garçonete, tratando Sam como se fosse um desconhecido qualquer dando em cima dela. “Você quer café ou o quê?”

“Café”, diz Sam, entusiasmado. “Meu amigo também vai querer um.”

A garçonete lança um olhar para o outro lado da mesa, na direção de Rafe, mas não... em Rafe. E o vazio que ele sente sob o olhar desfocado dela o faz pensar na mulher no cais. Na maneira como parecia que ela o via. Em como ele se sentiu por dentro.

Ele a afasta de seus pensamentos para se concentrar em Sam, nesta notícia e em suas implicações devastadoras. Rafe precisa usar essa vantagem. Ele precisa assumir o controle. Ele não pode estragar tudo desta vez.

"Aproveite a oportunidade", disse Sam. Sam, que agora parece tão satisfeito depois de ter acabado de pagar um mico com uma garçonete. Se fosse qualquer outra pessoa, Rafe não estaria curioso, mas este é o Sam.

"Me ajude a entender", diz Rafe. "Você... se aposentou para poder dar em cima de garçonetes?"

Sam balança a cabeça. "O bom e velho Rafe. Ninguém mais consegue fazer com que um som transcendentalmente profundo pareça tão infinitesimalmente pequeno."

"É que não falta sexo em—"

"Não tem nada a ver com sexo."

Rafe pisca.

"Amor, seu idiota. Eu quero *amor*."

Rafe debocha. "Ninguém abre mão do que tinha por amor."

Sam faz esboços, sem dizer nada.

"Certo. Onde você pretende encontrar esse... amor?"

"Pode ser essa bibliotecária que acabei de conhecer", diz Sam. "Entrei para pegar um livro de peças de Byron. Saí com Adah. Impressionante. Uma delicadeza indescritível."

"Mas você está dando em cima da garçonete?"

"Todas as mulheres mortais carregam uma centelha divina dentro de si. Uma vez que você a experimenta, torna-se viciante."

"Pelo que entendi, você apenas substituiu um objeto de devoção por outro", diz Rafe, percebendo a blasfêmia em suas próprias palavras.

"E eu digo a vocês", diz Sam, sorrindo, destemido, "é uma melhoria".

"Há quanto tempo?" Rafe consegue dizer.

"Três noites. E tudo já mudou. Você deveria ouvir." O som da risada da Adah, Rafe. Como um rouxinol. Ficamos acordados a noite toda conversando, fazemos amor ao nascer do sol no quintal dela, debaixo do limoeiro. Ela está me dando aulas de surfe! Estou começando a pensar que talvez um dia eu possa me ver como pai—"

"Você esteve fora por *três noites*? Isso representa quatrocentas e cinquenta mil almas—"

"Eu sei fazer as contas. Só que não preciso mais."

"Por que não percebi? Por que não soube?"

"Agora você sabe. Estou lhe dizendo."

"Três noites. E ninguém percebeu?" Rafe sussurra. É incompreensível. De repente, impaciente, ele pega o guardanapo debaixo da caneta de Sam. "O que você está desenhando?"

"Ela." Sam aponta pela janela para a mulher com a câmera.

Rafe sente uma onda selvagem de ciúme. Ele estuda o desenho dela no guardanapo, os traços descuidados que seu mentor acabou de fazer. Ele nunca soube que Sam sabia desenhar, mas ele capturou algo essencial nela que faz Rafe querer roubar o guardanapo, para contemplá-lo por séculos.

"Por que você está desenhando-a?"

"Para referência futura", diz Sam. "Ela é talentosa. Parece que ela poderia se beneficiar de um mentor. E talvez seja hora de você pensar em retribuir? A um jovem cineasta que poderia se beneficiar de uma ajuda?"

Rafe agarra a borda da mesa. Momentos atrás, ele estava convencido de que a mulher com a câmera era apenas um enfeite. Agora, a proximidade dela, a existência dela, parece ameaçadora.

Ela realmente o tinha visto lá no cais? Não.

"Você sabe o que eu quero", diz Rafe. "Eu quero isso há muito tempo. E você está me dizendo que de repente está ao meu alcance. A última coisa que eu preciso é de joguinhos."

O canto da boca de Sam se curva para cima. "Existem as coisas que dizemos querer e as coisas que pensamos querer. E depois existem as coisas que realmente queremos", diz ele. "Se você quer isso, Rafe, precisa de um protegido."

"Eu trabalho com você."

"*Trabalhei com ele*", diz Sam. "Agora é o dia da formatura. Chegou a hora do aluno se tornar a íris."

"Não", diz Rafe. "Vou trabalhar sozinho."

"*Podemos aprender com eles, sabe?*", diz Sam, pegando o guardanapo de volta para continuar seu desenho. "Você está na superfície há muito tempo. Longe da essência das coisas."

"E você é o especialista? Três noites com uma bibliotecária e já descobriu tudo?"

"Já ouvi dizer", diz Sam, olhando para além de Rafe, "que quando você morre, toda a sua vida passa diante dos seus olhos. Quero que o meu flash seja bom. Algo bonito, sabe?"

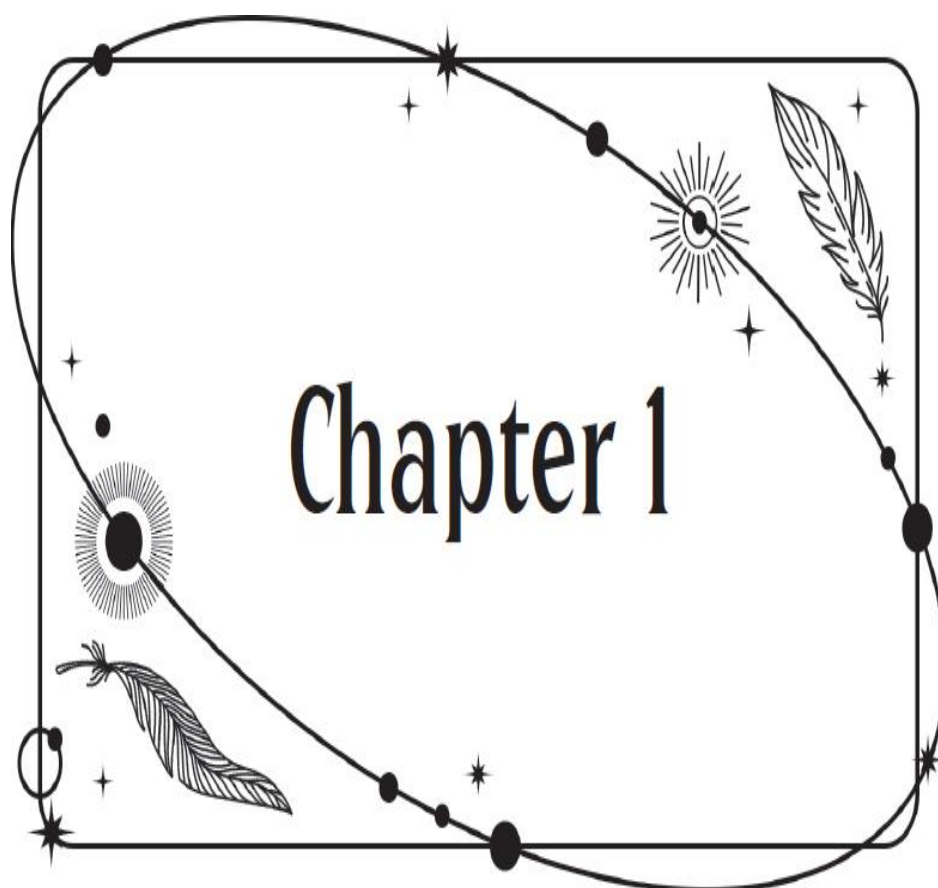
"Diga-me o que fazer", diz Rafe.

Sam fixa um olhar familiar, imbuído de um poder antigo e absoluto. "Guarde meu segredo o máximo que puder. Enquanto isso, procure por vantagens." Ele acena com a cabeça para a mulher no cais. "Essa pode ser uma delas."

"Ela *não* é uma vantagem."

Sam dá de ombros casualmente. "Quando o professor está pronto, o aluno vem. Acho que é assim que diz o ditado."

"Aqui está seu café, querido", diz a garçonete, colocando uma xícara fumegante na frente de Sam. "É um para o seu amigo. Espero que ele apareça antes que esfrie."



APONTE UMA ARMA PARA A CABEÇA DE DESDEMONA Rae E PERGUNTE PARA ELA DIZER QUE É SEU PIOR INIMIGO? Ela diria que é a fritadeira da fazenda de laticínios do seu tio Bob, nos arredores do Vale da Morte, na Califórnia.

Dez tem medo de pouca coisa, mas a fritadeira ocupa um lugar especial de aversão em seu coração. Ela a traumatizou há vinte anos, antes que qualquer outra pessoa tivesse tido a "honra" de usá-la. A primeira dor de que se lembra, aos quatro anos de idade, foi tentar impedir que sua mãe, grávida de seu irmão mais novo, deixasse cair a panela fumegante a caminho da lixeira.

Dez agora mantém o pulso esquerdo coberto. Não confia na fritadeira nem um pouco. Deixa a limpeza para o final, quando está trabalhando no turno da noite no Dairy Barn.

Ela vai até o armário, pega o esfregão e empurra o balde em direção ao centro do restaurante. Dez não se importa com o horário de fechamento do seu emprego horrível. Ela é péssima nisso, obviamente, mas gosta das horas tranquilas em que as portas estão trancadas e ela está sozinha. Ela passou a ansiar pelo som meditativo do esfregão velho raspando o linóleo.

Tio Bob manda vídeos para Dez mostrando seus sapatos ortopédicos sendo feitos. Sons horríveis de "screeeeitch screeeeitch" sempre que ele abre o estábulo e encontra uma mancha pegajosa da noite anterior, o que acontece sempre.

Ela lava o chão de qualquer jeito, reabastece o freezer de forma caótica, de acordo com seu humor, e quando se trata do cenário infernal pós-apocalíptico que é o banheiro deste restaurante familiar, Dez fecha os olhos, joga um pouco de produto de limpeza na direção do vaso sanitário, dá descarga com o pé e torce para que tudo dê certo.

Ela sabe que é a pior funcionária que o Dairy Barn já teve. Se você estivesse de bom humor, poderia dizer que Dez é tão ruim porque sua mente está sempre em outro lugar, porque ela está destinada a outras coisas. Não necessariamente à grandeza, embora ela aceitasse. Apenas... algo mais do que isso. Uma passagem para fora desta cidade infernal e poeirenta.

E mesmo que o destino seja uma farsa, como Dez às vezes teme que possa ser, mesmo que Dez esteja sem perspectivas de futuro, o tio Bob não pode demiti-la, senão a mãe de Dez vai dar uma surra nele.

O salário dela é uma miséria, mas ela precisa dele. Depois do turno de hoje à noite, Dez terá dinheiro suficiente no cartão de débito para pagar a taxa de cem dólares da inscrição para o mestrado no American Film Institute, em Los Angeles. Dez ama cinema e quer dedicar a vida a fazê-lo porque, no cinema, não há um momento desperdiçado. Pelo menos não em um bom filme. Tudo tem um significado. Juntos, todos os fotogramas, planos, closes e fades, cada escolha musical e cada linha de diálogo contribuem para algo maior do que a soma das partes.

Na vida real, Dez raramente consegue entender por que uma coisa acontece em vez de outra. Em seus filmes, ela decide. Ela cumpre a promessa metafórica da imagem inicial com a cena final. E ela não precisa de um final feliz. A tragédia parece persegui-la, e isso lhe convém. O que ela precisa é de um final significativo, impactante e poderoso. E como não pode contar com isso na vida, ela o cria em seus filmes.

Ela despeja uma pilha de bandejas de plástico marrom na pia para lavar com água. Ela pensa em seu último curta-metragem, filmado há duas semanas no píer de Ventura. Aquele que ela está enviando com sua inscrição para a faculdade de cinema. "*Glimpse*" está guardado no disco rígido do Chromebook dela, no sofá onde ela trabalha na garagem da mãe. Ela imagina o filme viajando pelo labirinto da internet, até chegar a uma comissão de professores em Los Angeles. Filmado em um dia mágico, quando Dez e seu amigo Silas juntaram o dinheiro da gasolina, dirigiram quatro horas e meia até a praia, e então ensaiaram, escolheram o elenco e filmaram toda a sequência sob os raios tênues de um pôr do sol de verão — é bom, e Dez sabe disso. O tipo de coisa que você assiste prendendo a respiração.

Ela pensa, pela milésima vez, em Asher. O cara aleatório de Ventura que escalaram para estrelar ao lado de Dez no filme. No final daquele dia — aliás, desde o primeiro momento — Asher parecia tudo, menos aleatório. Dez não falou com ele desde então, mas passou incontáveis horas estudando suas feições, seus trejeitos e sua inexplicável essência enquanto editava o filme.

Desde aquele dia, ela está tão concentrada em terminar *Glimpse*, em ser aceita neste aplicativo, que não pensa em mandar mensagem para Asher. Ou em se perguntar o que significa o fato de ele não ter mandado mensagem para ela.

Ela sabe o que diria se pudesse mandar uma mensagem para ele. E hoje à noite, depois de clicar em "Enviar" no formulário, quem sabe...

Ei. Aquela coisa que a gente fez? Eu terminei.

Algo aconteceu naquele dia entre Asher e Dez, algo luminoso, verdadeiro e encantador. Tudo começou no estacionamento, quando Silas deu um tapinha no braço de Dez para chamar sua atenção para a pista de skate à beira-mar. Para a criatura giratória sem camisa que parecia levitar sobre a rampa. Dez ficou olhando fixamente. E então, uma pontada de intuição a atingiu por dentro.

Aquele.

Após uma série de manobras aerodinâmicas impossíveis, o patinador reentrou na atmosfera terrestre e Dez seguiu em linha reta.

"Estou fazendo um filme", disse ela, observando o leve brilho do suor ao longo de sua pele. A clavícula dele, o jeito como os finos cabelos dourados meio que escondiam os olhos. Como ela parecia pequena no reflexo dos óculos de sol espelhados prateados dele, em comparação com o homem imponente à sua frente. "Você é perfeita, e eu quero você nisso."

"Existem os sedutores", disse ele, observando as sardas de Dez, as sandálias de dedo, as luvas sem dedos, o vestido preto curto estilo boneca e o cabelo escuro tão comprido que roçava a barra da saia. "E depois existem as lendas."

"Isso é um sim?"

Ele afastou o cabelo do rosto e ela viu que seus olhos eram de um castanho muito claro, lembrando Dez das tâmaras doces e aquecidas pelo sol que cresciam na jovem palmeira do lado de fora da janela da cozinha. Dez as comia aos punhados, nunca se fartava.

Seus dentes da frente roçaram o lábio inferior enquanto ele pensava. "Não gosto de viver com arrependimentos."

"Isso é um sim?", perguntou Dez. Ela sorria apesar da impaciência.

"Não vou ser aquele cara que olha para trás na vida e diz: 'Por que deixei aquela mulher estranha, adorável e muito atrevida escapar?'"

"A gente não faz a mínima ideia do que está fazendo", acrescentou Silas, ao lado de Dez. "Só dizendo."

"Cala a boca, Silas", disse Dez. "Sim, nós fazemos."

"Aposto que você sabe o suficiente", disse o patinador. Ele sorriu para Silas, para Dez. Sem mostrar os dentes, apenas lábios lisos, muito pálidos e rosados. Aquele sorriso parecia familiar... não como se já se conhecessem antes, mas como se fossem se conhecer depois. Como se Dez estivesse editando aquele momento do futuro, marcando-o: Que comece a música, foi aqui que tudo começou.

Eles selaram com um aperto de mãos os termos do seu compromisso de elenco. Um dia de trabalho, sem remuneração financeira, mas com cervejas no final, se os bares ainda estivessem abertos, e crédito em nome de Asher Ibrahim.

Asher Ibrahim. Ele tinha vinte e sete anos, três anos mais velho que Dez, e era natural de Ventura. Ele andava de skate naquele parque desde que podia andar. Ela adorava o jeito como o nome dele soava, como se ele viesse do outro lado do mundo, ou de algum lugar ainda mais distante, algum lugar que Dez ainda não conseguia imaginar.

Trabalhar com Asher, filmá-lo naquela tarde, foi a melhor experiência da vida de Dez. Foi uma amostra do que ela desejava para o futuro.

"Al", chama uma voz familiar, abafada através da porta de vidro do estábulo.

Dez levanta os olhos da pia na direção do som. Ela sabe quem é antes mesmo de vê-lo. Seu irmão. Ninguém mais a chama assim, exceto Moisés. Seu apelido de infância é uma abreviação de *Albatroz*, porque quando Dez era mais nova, ela costumava desaparecer no deserto atrás de casa por períodos tão longos que sua mãe dizia temer que Dez tivesse voado para longe, atravessando o deserto e sobrevoando o Oceano Pacífico.

Mo bate na janela. Sorri.

"Vai se foder", ela grita. "Estamos fechados."

Dez sempre traz comida para casa para Moses e sua mãe depois do trabalho. Ela tem a marmita de hoje em um aquecedor. Anéis de cebola para a mãe e a infame salada de acompanhamento em uma sacola separada no balcão. Sua mãe é a única cliente do Dairy Barn que já gostou do item do cardápio que o Tio Bob tem a audácia de chamar de salada.

Mo é do tipo que adora cheeseburger com pickles extra, bacon extra e sem molho. Ele come em pé na cozinha depois de uma noite de festa. Às vezes, se Dez ainda estiver acordada trabalhando no laptop, e se os movimentos de Moses acima dela não parecerem muito de bêbado, ela sobe da garagem para ficar com ele, e eles conversam como antigamente. Faz um tempo que isso não acontece.

"Ei, me deixa entrar", ele grita, batendo na porta.

"Se você estiver dentro", ela responde, "você fica responsável pela limpeza dos banheiros".

"Tudo bem. Eu limpo essa merda."

Ela espera que ele lhe mostre o dedo do meio, ou pelo menos exija uma parte do seu salário. Mas ele não faz nada disso, apenas fica esperando na porta, mudando o peso de um pé para o outro como se precisasse urinar. Ou como se estivesse preocupado com alguma coisa. O que será que ele fez dessa vez? A mente de Dez já está fazendo uma lista...

"Vamos lá, está um calor infernal aqui fora", reclama Mo.

"Está bem", diz ela, "mantenha as calças". Ela seca as mãos e vai até o depósito para pegar as chaves.

Quando crianças, Mo era a fofa. Embora suas feições sejam quase idênticas — cabelos negros como ônix, pele clara e sardenta, narizes pequenos e retos, olhos azuis claros —, seu irmão demonstra isso de forma diferente. Ele é cinco anos mais novo, mas seu charme permaneceu mesmo depois que já não era mais perceptível em Dez. Mo consegue conversar com qualquer pessoa, sabe exatamente o que dizer para que prestem atenção nela e gostem da situação, seja uma criança pequena na caixa de areia ou um vigarista no hipódromo. Todos gostam de Mo, enquanto a maioria das pessoas tolera Dez. Sua mãe a chama de enigma. Até Silas diz que ela é um gosto adquirido.

Por isso foi tão notável que Asher tivesse se declarado logo de cara, na noite em que se conheceram. Depois que terminaram de filmar, no meio da segunda sessão em Sierra Nevada, ele se inclinou enquanto Dez escolhia "Drunken Angel", de Lucinda Williams, na jukebox e sussurrou:

"Gostei de tudo que vi sobre você até agora, Desdemona Rae. O que mais você tem a dizer?"

Ela ainda consegue estremecer ao pensar na respiração dele contra seu pescoço.

Quando Dez e Silas saíram de Ventura às duas da manhã, com tempo suficiente apenas para Silas deixá-la no Dairy Barn para o seu primeiro turno, quando Asher não mandou mensagem e Dez também não, ela se enterrou no trabalho. Disse a si mesma que não

pensaria na conexão entre eles — não podia se dar ao luxo de pensar na conexão entre eles — até depois de entregar sua inscrição para a AFI.

Agora, caminhando até a porta da frente do Dairy Barn, Dez chacoalha as chaves.

Mo sorri, e Dez não consegue evitar sorrir de volta, porque mesmo que eles só vão esfregar banheiros e empilhar copos de isopor, ela prefere fazer isso com o irmão do que com qualquer outra pessoa.

“E aí, Mo”, ela diz ao abrir a porta. “Qual é o problema?”

Antes mesmo de entrar, Mo abraça Dez com força e a segura como se estivesse se afogando, como se ela fosse uma tábua de salvação. Não é a primeira vez nos últimos meses que ele cai em cima dela assim, então ela sabe que precisa usar a porta para se apoiar, sustentando o peso enorme do seu irmão mais novo. Mo tem vinte centímetros a mais, vinte e três quilos a mais e herdou os problemas com álcool do pai.

Um soluço percorre seu corpo, chegando até ela. Corta seu coração. Oh, Mo. Apesar de todos os seus sonhos de sair daquele lugar para sempre do Vale da Morte, ela sabe que também pertence a este lugar. Com seu irmão. Com sua mãe. Até mesmo com o tio Bob.

“O que aconteceu?”, ela pergunta.

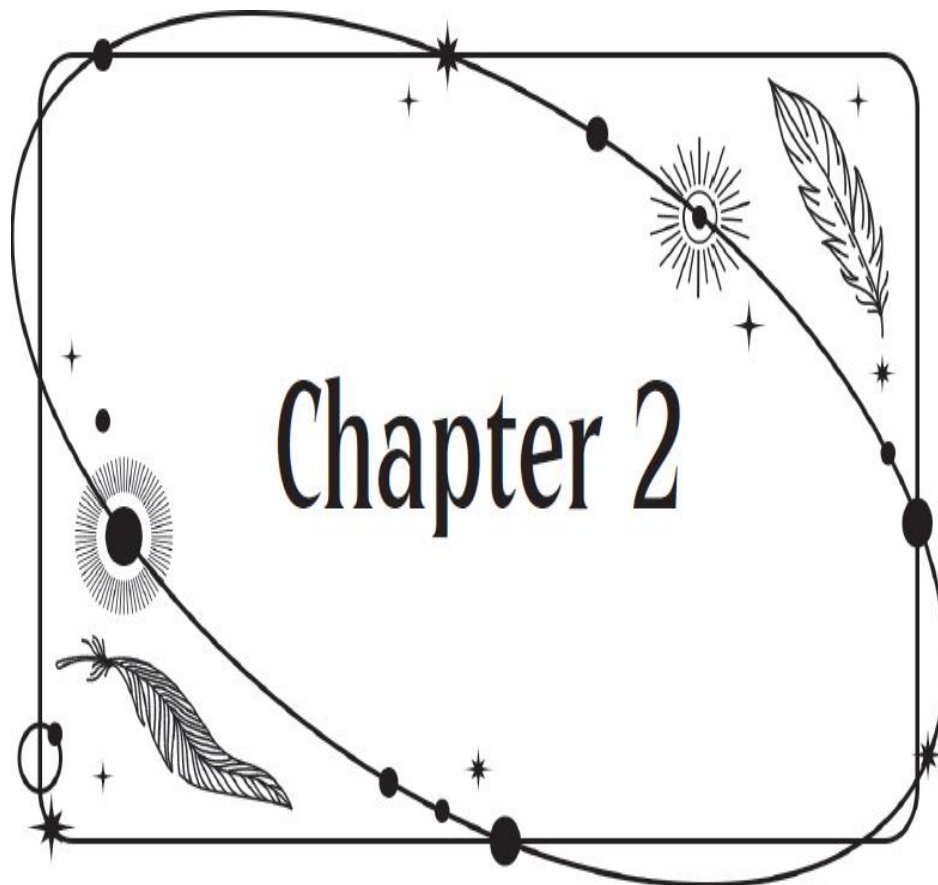
“Dez, me desculpe—”

“Ei”, ela sussurra contra o peito dele. “Está tudo bem. Estou aqui.”

“Eu precisei.”

“Você teve que fazer o quê?”

Botas estranhas surgem no asfalto, e antes que Dez entenda o que está acontecendo, ela e Moses são empurrados por um homem vestindo um moletom preto com capuz e uma balaclava preta com estampa de esqueleto.



“Mo!” DEZ GRITA, SEGURANDO SEU IRMÃO, DROGADO E CAMBALHANDO, NA PORTA, TENTANDO CHAMÁ-LO PARA QUE ELE PERCEBA SEU DEDO, PARA QUE ELE REPERE QUANDO O HOMEM MASSACHADO PULA POR CIMA DO ROUPÃO DE DEZ E DESLIZA NO CHÃO MOLHADO EM DIREÇÃO À COZINHA. AO CAIXA REGISTRADOR.

Mas Mo não se move. Ela percebe que os braços dele a apertam pela cintura, mantendo-a imóvel.

“Eu tive que fazer isso”, disse Mo depois de destrancar a porta.

O irmão dela a enganou. A traiu. Ela está sendo roubada.

“Mo”, ela diz novamente, mais suavemente desta vez, embora seus punhos comecem a golpear o peito dele com força. “Como você pôde?”

“Por favor, Dez.” Seu aperto se intensifica, até doer. “Isso vai levar só um segundo.”

De jeito nenhum. Ela se contorce, chuta e pressiona a bochecha com força contra a cabeça de Mo. Estar drogado o deixa mais flexível, menos sensível, mais difícil de dominar.

Em meio à sua fúria, Dez não consegue evitar sentir uma tristeza familiar, a mesma dor específica que tem sentido com frequência ultimamente por Mo.

A mãe dela, o tio Bob? Eles vão ficar tão desapontados.

"Vale a pena?", ela pergunta, tentando alcançar a traqueia dele com o cotovelo. "Por uma onda de euforia?"

"Você não entende", diz ele, segurando-a pelos ombros com as duas mãos e virando-a rapidamente para que suas costas fiquem contra o peito dele. Ele se inclina para a frente, puxando-a para mais perto de si.

"Eu sei que você é um tremendo filho da puta", resmunga Dez, sentindo uma pressão imensa nas costelas enquanto ambos caem de joelhos no chão molhado.

"Abra a caixa registradora, Dez, por favor", diz Mo.

"De jeito nenhum." Ela perdeu o homem da máscara de caveira de vista. Ela precisa chegar ao caixa para impedi-lo.

"Eu devo a eles", diz Mo. "Não posso pagar."

"É, bem, eu também não consigo."

Quando crianças, eles costumavam lutar no tapete da sala sempre que a mãe não estava em casa. Quando Mo completou dez anos, enquanto ela fazia quinze, ele era maior e mais forte do que ela. Mas Dez sempre teve mais vontade de vencer. Ela costumava semicerrar os olhos e fingir que Mo era um dos vários garotos da escola que tinham sido cruéis com ela. Então, ela conseguia imobilizá-lo em menos de dez segundos.

O pior desta noite é que Dez não precisa fingir ser outra pessoa que não Mo para sentir a necessidade de acabar com ele.

Ela se esquiva por baixo dele, ganhando distância suficiente para levantar sua bota Doc Martens e chutá-lo na virilha.

Ele se encolhe, afastando-se dela, emitindo sons agudos de tosse. Dez luta contra a vontade de olhar para ele. Ela não pode se dar ao luxo de sentir pena agora. Deveria pegar o irmão, arrastá-lo para o carro e afastá-lo dessa confusão até que ele fique sóbrio? Ligar para a polícia e deixar que eles lidem com o cara da máscara?

Não, ele já terá ido embora quando eles chegarem. E este é o lugar da família dela, o sustento da família dela. Uma briga começa em Dez. Ela se levanta num instante e usa as mãos para pular o balcão. Com a adrenalina a mil, ela aterrissa ao lado do caixa, perto do cara da máscara.

Ele pegou uma espátula de churrasco resistente e está usando-a como um pé de cabra no caixa registradora pré-histórico. Dez ainda não conferiu os recibos, mas ela calcula que haja perto de trezentos dólares ali. Trezentos dólares do dinheiro da família dela, e esse cara não vai colocar as mãos neles.

Ela já acertou uma em duas tentativas de dar uns amassos hoje à noite, então decide tentar com dois. Ela agarra os ombros dele por trás — bem mais estreitos que os de Mo. O corpo de um estranho. Ela pensa: frágil. Ela consegue aguentar.

Dez estreita os olhos. Prepara o pé. E bam. Ela acerta-o nos testículos. Ela sabe que acerta.

Mas ele não se curva, não tosse como Mo. Ele solta um gemido suave, quase sensual, e então — onde seu capuz escorregou para trás — ele encontra o olhar dela.

Olhos escuros, profundos como a tinta de uma lula trazida pela maré. Um brilho neles, como se ele estivesse atrás de algo mais do que dinheiro.

Sangue?

O homem pisca por mais tempo do que parece razoável, e quando abre os olhos novamente, dá um soco no estômago dela com uma força que ela não viu chegar. Ela

cambaleia para trás, caindo dentro do aquecedor, que ainda mantém o hambúrguer do seu irmão na temperatura ideal. A lâmpada do aquecedor queima sua bochecha, e ela solta um chiado. A dor é revigorante. Como uma boxeadora saindo do seu canto, ela parte para cima do viciado.

Ele ajeitou o capuz para que ela não consiga mais ver seus olhos. Ela o agarra pelo pescoço. Ele se debate para se livrar dela, mas ela usa toda a sua força para apertá-lo. Suas unhas cravam nos tendões de sua garganta.

Ela a golpeia, cotoveladas nas costelas, nos rins, nos seios. Mas a dor é boa porque ela está vencendo. A qualquer momento, ele precisará... ar. Ele vai cambalear para baixo, e tudo o que ela terá que fazer é se segurar e ver as luzes dele se apagarem.

Mas o estrangulamento demora tanto que os braços de Dez latejam da ponta dos dedos até os tríceps. Ele nem tenta tirar as mãos dela de seu pescoço. Algo diferente, então. Nova estratégia.

Ele já abriu o caixa. Dez vê as fileiras organizadas de notas verdes. Lembra-se da nota de cem dólares que uma turista do Condado de Orange usou para pagar uma Coca-Cola Diet naquela tarde, irritando-a.

Ele agora está com as mãos no dinheiro. E Dez precisa impedi-lo. Por trás, suas mãos sobem pelo rosto dele, por baixo da máscara, raivosas, inquisitivas. Até que suas unhas encontram seus olhos. Ela pressiona com toda a força que tem.

No filme da vida de Dez, este momento faz sentido, conecta-se a algo posterior na história, delineando os contornos de um tema devastador. Ela olha para a câmera de segurança no teto, que não funciona desde que o tio Bob a instalou no dia da inauguração. Ninguém a está filmando agora, então o que ela está fazendo parece apenas selvagem e psicótico. Ela não consegue parar. Ela pressiona com mais força, sentindo algo no rosto do bandido ceder, seguido por uma umidade fibrosa. Ela não tem ideia de como essa cena vai terminar.

Do lado esquerdo do rosto dele, algo se solta.

O... olho dele?

Dez quase vomita, mas se controla. O homem mascarado solta um uivo de lobo ferido e depois fica imóvel. É tão estranho, e é tudo o que Dez precisa para se permitir. Como naquela vez em que ela enfiou a mão no triturador de lixo para pegar o único anel bom da mãe, Dez mergulha os dedos na órbita ocular desse punk e puxa.

Ela grita. Ele grita. E então está na mão dela. O globo ocular dele. Olhando fixamente para ela. Íris negra de um lado, nervo óptico pendurado do outro.

"Dez, o que você está fazendo?"

Ela levanta os olhos e vê o irmão de quatro, respirando fundo, ainda se recuperando do chute na virilha.

"Fica aí, Mo!" ela grita, com a voz descontrolada e tomada pela raiva.

Seu olhar volta-se para o homem caolho. Ele pressiona a mão contra o buraco sangrento que ela lhe deixou no rosto. Com a outra mão, ele ergue uma estranha pistola antiga em direção à cabeça de Dez. A arma tem um cartucho circular na ponta do cano longo, como uma metralhadora.

Uma lembrança lhe vem à mente. Asher no estacionamento do barzinho de Ventura onde ficaram até o dono expulsá-los. Ela estava sentada no banco do passageiro do carro de Silas, com a janela aberta e o braço para fora. De pé na calçada, Asher pegou a mão dela na sua,

baixo o suficiente para que Silas não visse. Ele sustentou o olhar dela enquanto o polegar roçava a palma da mão dela. Ela sabia que era uma mensagem que ele não podia dizer em voz alta. Ela também sabia o que significava, se não precisamente, pelo menos essencialmente.

Pulso. Pulsopulso. Pulso.

Ela acenou com a cabeça para Asher, e seus dedos se separaram quando o carro começou a se afastar em alta velocidade. E ela o desejava naquele momento, teria atravessado o fogo para levá-lo para a cama, tirar suas roupas, descobrir exatamente como era a sensação da pele dele contra a dela, mas também...

O que Dez se lembra então, agora, sob a mira de uma arma, é de outra forma como aquele momento foi sentido: *Chega*.

Mesmo que ela nunca mais o visse, o que eles compartilharam naquele dia foi suficiente para que ele significasse algo para ela — e talvez o suficiente para que ela significasse algo para ele — pelo resto da vida de Dez.

Se aquele momento não tivesse acontecido, Dez poderia se sentir diferente agora, à beira da morte. Em vez disso, o pensamento que lhe vem à mente, de forma bastante tranquila, é *suficiente*.

Mas aí ela olha para o globo ocular e muda de ideia. Ela chegou tão longe nessa luta horrível. Isso tem que valer alguma coisa. Ela não vai deixar esse monstro de um olho só vencer.

Ela se dirige à fritadeira. O homem armado a observa, acompanha seus movimentos com sua estranha arma, mas não atira. Rapidamente, ela segura a cesta como a profissional que é e a retira da cuba. Faz apenas trinta minutos que ela a desligou. O óleo ainda estará acima de trezentos graus.

É a coisa mais perigosa desta cozinha, e talvez seja mesmo sua amiga.

“Dez?” Ela ouve a voz de Moisés.

Mas Dez não consegue parar o que está fazendo. Ela precisa proteger o irmão tanto quanto precisa se proteger. Não importa quais decisões frias ou tolas qualquer um deles tome, Dez ama Mo, e ele a ama também. No fim das contas, eles estão sempre do mesmo lado.

Ela gira e atira a panela cheia de óleo fervente no homem caolho.

E ela ouve o irmão gritar.

O som é profundo e interminável, e quando Dez finalmente reúne coragem para olhar o que fez, é exatamente como ela temia — e muito pior. *Mo*.

A fumaça do óleo sobe dele e, quando se dissipa, Dez se assusta com as queimaduras. Seu corpo fica completamente imóvel enquanto ela tenta assimilar a situação.

Moisés saltou na frente do atirador.

Moisés se colocou entre a bala e Dez.

A bala que nunca foi disparada.

Porque Dez se antecipou, despejando um tacho de óleo fervente na criança que ela mais ama no mundo.

A dor que ele está sentindo agora é uma agonia lancinante, como um túnel, que Dez conhece muito bem. Ela ainda consegue evocá-la em seus pesadelos de quando tinha quatro anos. A queimadura de terceiro grau de Dez levou seis meses e dois enxertos de pele

para "cicatrizar". Na verdade, nunca cicatrizou completamente. E a queimadura cobriu cinco centímetros do seu pulso.

Não toda a extensão do rosto e pescoço dela.

Moisés está de joelhos, e os sons que saem dele são desumanos. A pele do seu rosto e pescoço crepita. Ele emite um som úmido e rouco, como se estivesse lutando para respirar. Dez não reconhece seu rosto, manchado e furioso, de uma cor quase roxa, a pele se desprendendo em alguns lugares como papel na chuva.

Dez não consegue se mexer. Não consegue desviar o olhar. Não consegue vomitar a bile que lhe sobe à garganta. Não consegue ir até ele. Nem sequer consegue pegar o celular no bolso do avental para pedir ajuda. Ela quer pedir desculpas, mas as palavras não vêm. Sente tudo se esvaindo na escuridão. Ela nunca, jamais se perdoará.

Mo estende a mão para o atirador em busca de ajuda. "Estou morrendo?", sussurra ele com uma voz horrível.

Ela observa os olhos dele se fecharem lentamente.

Dez quer voltar no tempo, para que seja uma da manhã na cozinha deles, Mo bêbado, mas feliz, devorando seu cheeseburger com bacon, enquanto ela come os grãos de café instantâneo da mãe, e ele conta para ela todas as coisas estúpidas e hilárias que ele e todos os seus amigos fizeram naquela noite.

Essa não é a Mo, ofegando por ar com a garganta devastada pelas queimaduras. Essa coisa desfigurada não pode ser o irmão dela.

"Mo", ela finalmente se ouve dizer.

O atirador está com o irmão dela debaixo do braço e continua apontando a arma para ela. Ele a empurra, sai da cozinha e leva Mo consigo em direção à saída da frente. Os joelhos dela estão travados. As chaves ainda estão na fechadura.

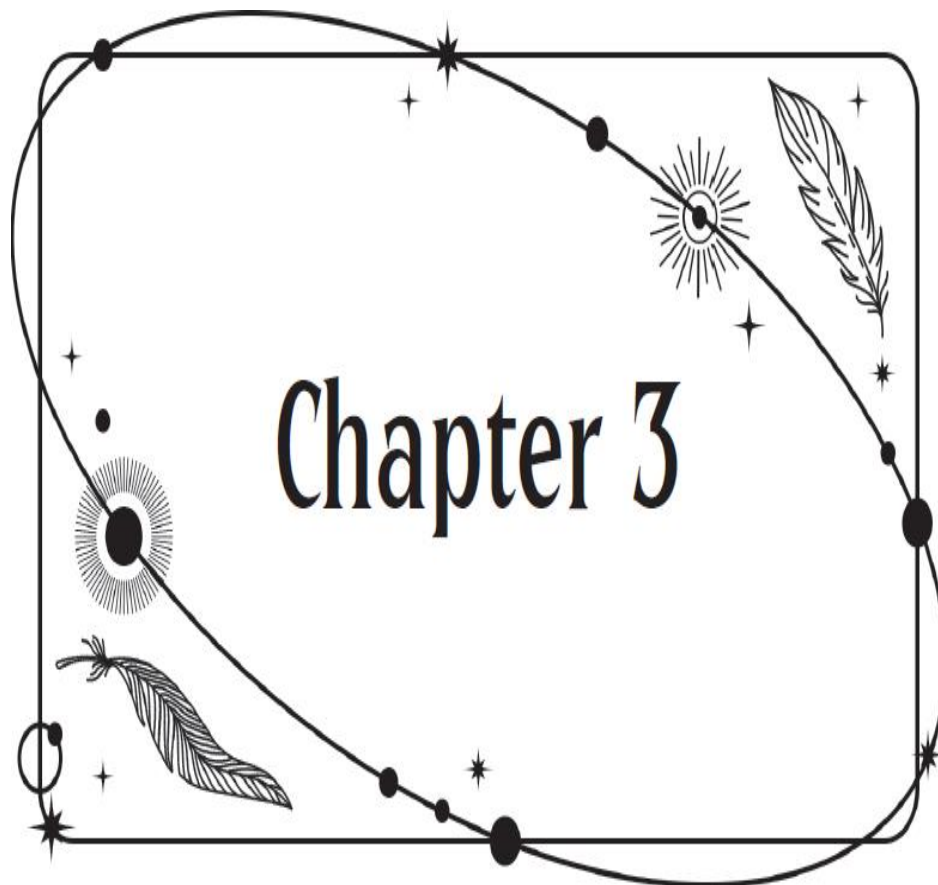
"Ele precisa de ajuda", diz Dez. Suas palavras parecem envoltas em agulhas que lhe cravam na garganta.

O homem aponta a arma para o olho esquerdo de Dez. Ela ainda segura o dele na mão. Ela encara o buraco repugnante e supurante que deixou em seu rosto. Ela percebe que, durante todo esse tempo, ele não disse uma palavra.

Ela olha para Mo, mas ele está de costas, com todo o seu peso contra o atirador, os antebraços erguidos para proteger o rosto. Seus pés se movem desajeitadamente, os tornozelos se movendo, como se o chão estivesse escorregadio sob seus pés.

O atirador arromba a porta. Está fazendo 38 graus lá fora, e mesmo daqui, Dez consegue sentir a onda de calor. O grito de dor que Mo dá ao sentir o ar externo é debilitante. Dez sente até a ponta dos pés.

Agora ela não consegue mais ver o irmão. A adrenalina toma conta. Ela corre atrás deles, para fora do restaurante, no calor da noite.



Os PNEUS CANTAM NO ESTACIONAMENTO como corujas-orelhudas saindo do inferno. Enquanto o Nissan Sentra amassado de Dez sai cantando pneu do estacionamento, ela percebe que o atirador está fugindo no carro *dela*, com o irmão *dela*.

Dez corre.

"Pare!" ela grita, perseguindo o carro, correndo com mais força e velocidade do que nunca. Ela não sente o próprio corpo — nem a queimação nos pulmões, nem o esforço muscular. Ela só tem consciência do que fez ao irmão. De como precisa consertar as coisas.

A noite está empoeirada, quente e banhada pela luz da lua cheia. O carro está ganhando terreno. Mesmo quando ela o vê virar na Estrada Rural 89 e Dez ficar para trás por uns quatrocentos metros, ela não pensa que não vai alcançá-lo. Falhar é impensável. Ela já ouviu histórias de pessoas que, quando a família está em risco, a adrenalina as transforma em super-humanas.

Ela corre em disparada até o cruzamento em T e então entra na estrada rural. Corre cinquenta passos frenéticos antes que a quietude total, o silêncio absoluto da estrada, a atinja em cheio. Ela não entende. Faz menos de dois minutos que viu seu carro roubado virar à direita. Não há cruzamentos por quilômetros. Mas ela não vê nenhuma luz traseira, nenhum sinal do seu carro.

Nada além de uma estrada vazia.

Ela se vira bruscamente. Não há nada atrás dela. Eles sumiram. O irmão dela sumiu.

Dez joga a cabeça para trás e grita até não aguentar mais. Então, ela se rende, deixando a cabeça cair entre os joelhos. Ela está indescritivelmente exausta. Ela queria poder desabar ali mesmo, na estrada, e dormir por mil anos.

Ela pensa na mãe, que está trabalhando até as dez no asilo. Dez precisa ligar para ela, mas se sente paralisada. A mãe deixa o celular no armário, então terão que chamá-la pelo pager, o que a fará entrar em pânico, correndo por tantos corredores longos para atender o telefone da recepção. E Dez sabe que a mãe terá tentado se convencer de que as notícias não serão tão ruins quanto ela teme. E então, se Dez conseguir falar, terá que contar à mãe o que aconteceu, o que ela fez. E, de fato, pela primeira vez, a verdade será muito pior do que a mente ansiosa da mãe poderia ter imaginado. Que Dez queimou Mo até quase a morte, e agora ela nem sabe onde ele está.

Você está bem?

A voz vem do nada, como se a própria noite estivesse perguntando. Quando Dez se vira e dá de cara com um homem de jaqueta de couro preta, sentado em cima de uma motocicleta, ela dá um pulo para trás, assustada.

“De onde você veio?”, pergunta Dez.

“Essa é uma longa história”, diz ele.

“Tem um carro lá em cima.” Ela aponta. “Preciso pegá-lo.”

“Alguém te fez mal?” O cavaleiro parece estar estudando o rosto dela, embora esteja escuro demais para ter certeza. “Ou *você* fez mal a alguém?”

O jeito descontraído dele faz com que Dez queira dobrá-lo ao meio e roubar sua moto, mas ele está sentado bem fora de alcance, e ela não sabe pilotar uma motocicleta.

“Meu irmão está ferido.” As palavras de Dez são cortantes como facas.

O motociclista inclina a cabeça em direção ao banco traseiro da moto. “Sobe aí.”

A essa altura, seus olhos já se acostumaram à penumbra do farol da moto. O cara parece alguns anos mais velho que ela, talvez. Ainda na casa dos trinta. Diante do que está passando, do que acabou de fazer com Mo, diante do olho repugnante em seu bolso, Dez se vê ofendida por sua pele morena radiante, pela barba impecável em seu queixo anguloso de modelo. Aquelas maçãs do rosto. Olhos azul-cobalto apenas meio tom mais escuros que os dela. Cabelo castanho-escuro, a definição de cabelo de quem acabou de acordar. Então ele sorri e, sim, claro, ele foi a um ortodontista de primeira.

Que se dane esse cara.

Mas também? Quanto mais ela olha, mais começa a se perguntar. Será que eles já se encontraram antes? Ele lhe parece familiar de alguma forma essencial. Ela não o conhece, mas já o viu em algum lugar.

Ela o encara nos olhos, tentando decifrar o que está acontecendo. Por um tempo, tantas coisas ruins estavam acontecendo tão rápido que ela não conseguia acompanhar. Agora, parece que o tempo desacelerou. Ela quase juraria que já olhou nos olhos desse homem, exatamente assim, antes.

Mas onde? Quando? Como? A lembrança incomoda sua mente.

O motociclista estende um guardanapo para ela. “Enxugue as lágrimas. Eu te dou uma carona.”

Dez pega o guardanapo e enxuga o rosto dela. A calma presunçosa dele a irrita. E o que dizer da jaqueta dele? Parece mais do que vintage, como se tivesse sido feita antes da invenção das motocicletas. Caveiras de ferro fundido encaram-na das lapelas.

Ela sabe que o estilo da jaqueta desse estranho é algo completamente inútil para se pensar quando seu irmão está cada vez mais distante. Mas não adiantaria nada se ela fosse assassinada no caminho para encontrar Mo, e até agora, ela não conseguiu encontrar nenhuma pista sobre esse cara.

No tanque de gasolina preto estilo Shovelhead de sua moto, a palavra cromada *Acheron* brilha ao luar.

Em circunstâncias normais, Dez jamais consideraria pegar carona na garupa da moto de um estranho. Mas parece provável que nenhuma circunstância volte a ser normal.

“Onde já te vi antes?”, ela pergunta.

“Um sonho?”

Um scanner policial começa a chiar no painel de instrumentos da moto.

“Peguei um Nissan Sentra vermelho na County Road 89, na altura do quilômetro 42... ele estava a 1183 km/h... e caiu em uma vala.”

“Esse é meu irmão”, diz Dez. “Você é policial?”

Ela não consegue dizer de imediato se isso seria bom ou ruim. A ajudaria a chegar até Mo, mas também a obrigaria a confrontar suas ações recentes. E os problemas em que se meteria.

“Muito pelo contrário”, diz o motociclista. “Aparentemente, você teve sorte.”

Dez franziu a testa. “Então por que você tem um scanner policial?”

“Você conhece o ditado: dê uma olhada nos seus amigos de vez em quando, mas nunca tire os olhos dos seus inimigos.”

Sirenes soam à distância.

Eles estão chegando.

“Dessa vez você se meteu numa baita enrascada, não é, Dez?”, pergunta o motociclista.

Dez sente a boca se abrir em espanto. “Como você sabia que eu—”

“Olha, estou indo para o sul. E estou com um pouco de pressa. Tenho certeza de que a polícia pode te levar até seu irmão. Ou...”

“Ou?”

Ele se inclina em sua direção, e ela vê uma vasta reserva de confiança em seus profundos olhos azuis. “Ou eu poderia te levar para bem longe de tudo isso.”

Preso ao olhar dele, Dez sente um impulso. Como se devesse subir naquela motocicleta e ir para onde aquele estranho apontasse. Como se até pudesse ser divertido.

É uma loucura. Ela desvia o olhar, virando a cabeça na direção para onde o irmão foi. O trauma desta noite a abalou profundamente. Ela precisa ir até Mo, não fugir com um completo estranho. Não importa quais sejam as consequências.

“Vou arriscar”, diz ela, afastando-se da bicicleta e de quem a pilotava.

“Sinto muito por isso”, ele responde. “Eu estava começando a achar que éramos o tipo de problema que um fazia para o outro.”

“Duvido muito.”

“Está nos nossos olhos”, diz ele. Ele sustenta o olhar dela por um instante antes de olhar para o céu. “Você e eu viemos de lá de cima.”

Antes que Dez pudesse argumentar, ele deu partida na moto com um chute, fazendo-a rugir, e acelerou, ultrapassando o carro da polícia que se aproximava a uma velocidade que tirou o fôlego de Dez. Ela viu a moto desaparecer como um sonho do qual se acorda e do qual não se consegue lembrar direito.

E o mais estranho é que, quando os policiais param na frente dela, é como se eles nem tivessem visto a moto passar.

“Senhora, a senhora está bem?”

Enquanto Dez encara os dois policiais que surgem de repente à sua frente, ela percebe o quão despreparada está para contar a história sem incriminar seu irmão. Sem incriminá-la. Ela precisa de tempo para pensar em como dar a volta por cima. Tempo que ela não tem.

“O que você está fazendo aqui sozinha?” O policial ao volante a olha, desconfiado.

Ela inspira profundamente e tenta controlar a voz. “Houve um assalto no Dairy Barn. Eu estava trabalhando no turno da noite. Um cara com uma máscara de caveira preta entrou—”

“Você ligou para o 911?”, ele pergunta.

“Eu... Ele tinha uma arma. Ele levou meu irmão. Roubou meu carro...”

“Certo, certo”, diz o policial no banco do passageiro, um homem mais velho com olhos mais suaves que os do seu parceiro. “Devagar. Vamos dar ré.”

“Eles estão num Nissan Sentra vermelho”, insiste Dez, e vê os policiais trocarem olhares. “Por favor. Meu irmão está ferido. Ele precisa ir para o hospital.”

“Você está dizendo que o homem armado atirou no seu irmão?”

“Não”, diz ela. Sua respiração fica curta enquanto escolhe as palavras. “Não. Houve uma briga. Nós... eu... tentei impedi-lo. E meu irmão...” Ela para antes de começar a soluçar.

“Temos uma ambulância a caminho do Sentra”, diz o segundo policial. “Se seu irmão estiver lá, ele receberá atendimento médico.” Ela sabe que ele está tentando amenizar a situação, mas são palavras que ela precisa ouvir.

“Obrigado”, diz Dez.

“Você pode descrever o atirador?”, pergunta o primeiro policial.

Dez fecha os olhos e tenta pensar. Ela estremece ao se lembrar do confronto, da sua mão em volta do olho do homem. Ainda está no avental. Ela enfia a mão no bolso, como se quisesse esconder a prova radioativa e brilhante da sua culpa. Vai jogá-lo fora assim que estiver sozinha.

“Ele... ele estava mascarado, então eu...” ela gagueja. “Talvez um metro e setenta e oito. Porte médio. Nunca vi o rosto dele.”

“Nem mesmo os olhos dele?”

Dez engole a bile que lhe sobe à garganta. “Eles eram negros”, ela se força a dizer.

“Então, basicamente qualquer cara da rua?”, pergunta o policial ao volante. “Um retrato falado típico?”

“O quê? Não. Não estou inventando isso.”

“O que seu irmão estava fazendo no restaurante na hora de fechar?”

“Ele estava me ajudando. Assim, eu pude sair de lá mais cedo.”

“Que bom”, diz o segundo policial.

“E com quanto dinheiro você costuma fechar a venda?”, pergunta o primeiro policial. “Antes de dividir em dois?”

“É a casa do meu tio. Eu não faria isso.”

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "White Lights"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).